

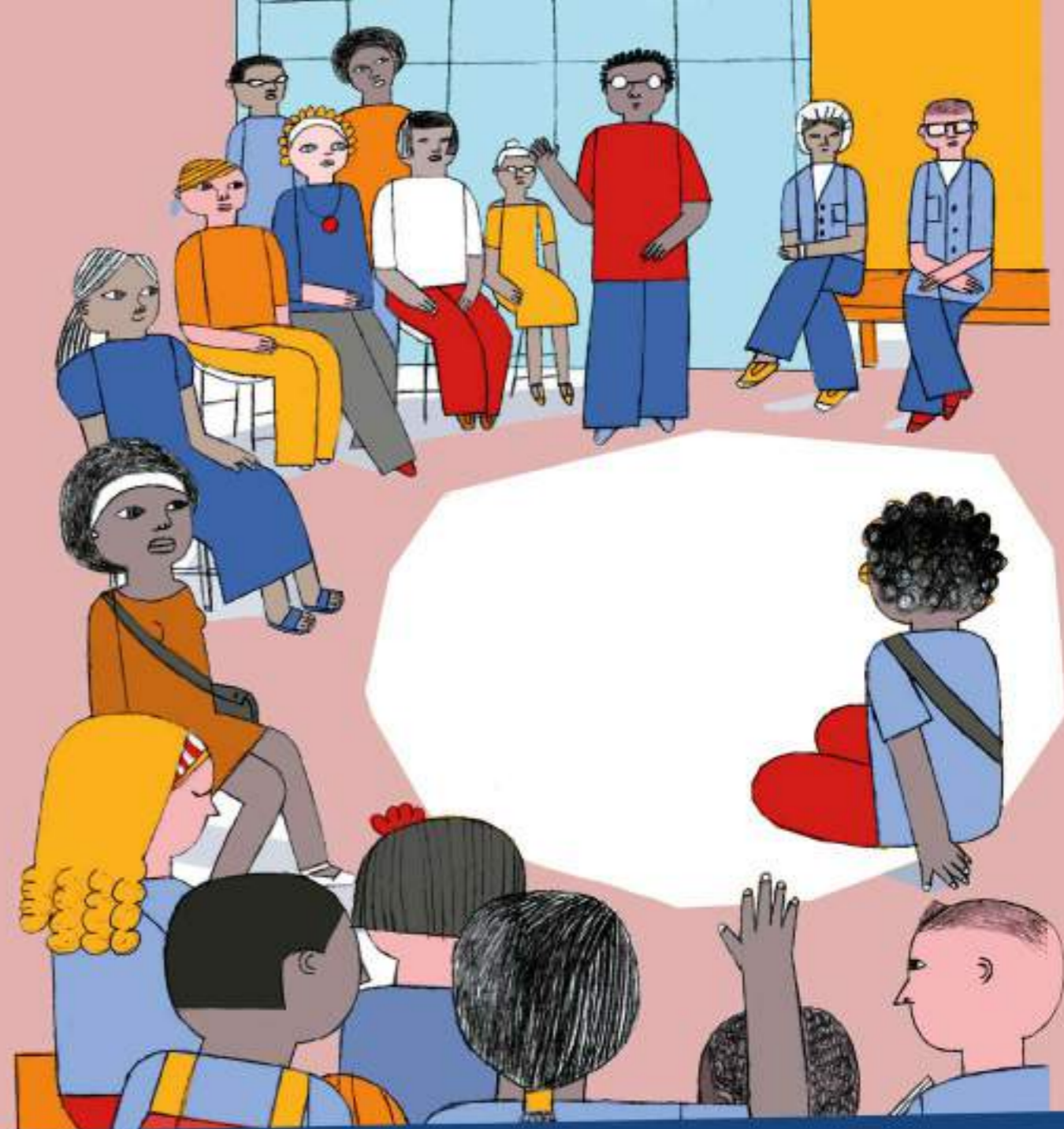
3ª EDIÇÃO
REVISTA



ESPECIAL SAÚDE MENTAL:
Um olhar para
o sofrimento no
ambiente escolar

MEDIAÇÃO DE CONFLITOS:
Mais do que apagar
"incêndios", melhorar
a convivência

VEJA TAMBÉM:
Entrevista,
artigo e mais!



**PREFEITURA DE
SÃO PAULO**
SECRETARIA
DE EDUCAÇÃO



PREFEITURA DE
SÃO PAULO
SECRETARIA
DE EDUCAÇÃO

Este material tem autorização para franca multiplicação, desde que citada adequadamente a fonte.

respeitarepreciso.org.br



ÍNDICE

APRESENTAÇÃO 🖱️

ACONTECEU NO RESPEITAR É PRECISO! 🖱️

ESPECIAL: SAÚDE MENTAL NO AMBIENTE
ESCOLAR 🖱️

LANÇAMENTO 🖱️

O TEMA É: MEDIAÇÃO DE CONFLITOS 🖱️

ENTREVISTA 🖱️

ARTIGO 🖱️

RESPEITAR É PRECISO! – MAIS DE UMA DÉCADA TRANSFORMANDO A EDUCAÇÃO COM A REDE MUNICIPAL DE SÃO PAULO

Projeto desenvolvido pelo Instituto Vladimir Herzog em parceria com a Secretaria Municipal de Educação contribui para a melhoria da convivência

Há mais de dez anos o **Respeitar é Preciso!** vem contribuindo para transformar o cotidiano das escolas da Rede Municipal de São Paulo, fortalecendo relações mais respeitadas, democráticas e comprometidas com a aprendizagem e os direitos humanos, com base nos Planos Nacionais de Educação em Direitos Humanos, no Plano Municipal de Educação e no Currículo da Cidade.

Essa transformação acontece por meio de uma **política robusta de formação continuada** que envolve diferentes públicos da Rede – gestores, professores, equipes de apoio, estudantes e famílias – e se articula a instâncias já existentes, como Grêmios Estudantis, Conselhos de Escola e Comissões de Mediação de Conflitos.

O projeto nasceu em 2014, a partir de um **diagnóstico** que identificou desafios importantes no ambiente escolar: situações recorrentes de violência, cultura de desrespeito, fragilidade na relação entre escola e território, conflitos na relação

com as famílias e baixa participação da comunidade escolar. Diante desse cenário, o **Respeitar é Preciso!** passou a ser desenvolvido na Rede para atuar de forma estruturada na prevenção das violências, no **fortalecimento da convivência democrática** e na construção de um ambiente escolar mais acolhedor, propício à aprendizagem integral e à formação de sujeitos de direito.

Nos últimos dois anos, o **Respeitar é Preciso!** ampliou e aprofundou suas ações formativas, alcançando gestores das Diretorias Regionais de Educação, equipes gestoras das Unidades Educacionais, docentes, equipes de apoio e famílias, por meio de formações, encontros formativos, eventos integradores, materiais pedagógicos e do Portal **Respeitar é Preciso!**.

Nas próximas páginas, convidamos você a saber um pouco mais do que fizemos nos últimos dois anos junto com a Rede.

MAIS DE 30 MIL PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO JÁ PARTICIPARAM DAS AÇÕES DO PROJETO AO LONGO DE UMA DÉCADA

81% AFIRMAM QUE A EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS AJUDA A REDUZIR AS SITUAÇÕES DE VIOLÊNCIA NA ESCOLA

74% CONCORDAM QUE A EDH CONTRIBUI PARA O DESENVOLVIMENTO E A APRENDIZAGEM DOS ESTUDANTES

92% DOS PARTICIPANTES AVALIAM POSITIVAMENTE AS FORMAÇÕES

O PROJETO RECEBEU, EM 2015, O PRÊMIO DE DIREITOS HUMANOS DA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA





ACONTECEU NO RESPEITAR É PRECISO!

A seguir, confira alguns destaques dos últimos dois anos do projeto **Respeitar é Preciso!**, com uma política de formações integradas realizadas pela parceria entre Instituto Vladimir Herzog e Secretaria Municipal de Educação de São Paulo.

COM A GESTÃO ESCOLAR, MEDIAÇÃO DE CONFLITOS GANHA FORÇA

Nos últimos dois anos, um ciclo formativo apoiou Assistentes de Direção em sua atuação como membros natos das Comissões de Mediação de Conflitos (CMCs) das Unidades Educacionais, oferecendo subsídios para o exercício desse papel estratégico no cotidiano. Foram 39 grupos, com 12 encontros presenciais cada um deles, alcançando **todos/as os/as Assistentes de Direção da rede direta**, além de representantes das CMCs das Diretorias Regionais de Educação (DREs).

Os encontros promoveram espaços de escuta, acolhimento e reflexão sobre a prática, articulando fundamentos da educação em direitos humanos a **situações concretas** vividas no “chão da escola”. Com os encontros, as participantes relatam maior segurança para atuar nas CMCs e **lidar com conflitos de forma coletiva e pedagógica**, com maior clareza de papéis e da legitimidade das comissões. Saiba mais nesta revista!



ENCONTROS REÚNEM EDUCADORES/AS COM ESPECIALISTAS

As últimas edições do **Grande Encontro das Comissões de Mediação de Conflitos** reuniram centenas de educadores/as – entre docentes, equipes de apoio e de gestão – em eventos formativos que ampliaram a reflexão sobre mediação de conflitos e educação em direitos humanos. Em **novembro de 2024**, a convidada **Vera Iaconelli** provocou reflexões sobre o papel de educadores/as no processo de dismantlar violências cotidianas, fortalecendo práticas pedagógicas que valorizam diálogo, escuta e experiências compartilhadas nas escolas. Já em **maio de 2025**, o **6º Grande Encontro** teve participação da filósofa e psicóloga **Viviane Mosé** e das doutoras em educação **Jussara Santos** e **Katia Bautheney**, abordando a construção de ambientes de aprendizagem acolhedores e equitativos para toda a comunidade escolar.



TROCAS QUE FORTALECEM A CONVIVÊNCIA DEMOCRÁTICA NA REDE

As 5ª e 6ª edições dos Seminários Regionais das Comissões de Mediação de Conflitos (CMCs) reafirmaram a importância de espaços formativos de troca entre educadoras e educadores para que possam aprender coletivamente e valorizar práticas já realizadas na Rede. Os encontros de 2024 e 2025 reuniram profissionais de diferentes unidades e etapas de ensino para compartilhar experiências, refletir sobre desafios cotidianos e fortalecer a mediação de conflitos como prática pedagógica permanente, articulada à educação em direitos humanos.

Com metodologias baseadas na escuta, no diálogo e na aprendizagem colaborativa, os seminários evidenciaram que a mediação vai além da resolução de situações pontuais: trata-se de um processo educativo que promove pertencimento, participação e corresponsabilização.



**80% DOS PARTICIPANTES AFIRMARAM
QUE O SEMINÁRIO APRESENTOU NOVAS FORMAS
DE ATUAÇÃO PARA AS CMCs**

**90% SAÍRAM COM A INTENÇÃO DE COMPARTILHAR OS APRENDIZADOS EM
SUAS UNIDADES**



COLETIVIDADE, ESCUTA E ESPERANÇA

Realizada entre 23 e 27 de setembro de 2024, a 5ª edição dos Seminários Regionais das CMCs reuniu educadores/as de diferentes regiões da cidade de São Paulo para analisar experiências concretas de mediação de conflitos. Palavras como “coletividade” e “esperança” marcaram a avaliação dos encontros, reforçando o sentimento de pertencimento à Rede.



INSPIRAÇÃO PARA TRANSFORMAR O COTIDIANO

A 6ª edição dos Seminários, realizada em agosto de 2025, contou com cerca de 650 participantes e aprofundou a análise de práticas pedagógicas desenvolvidas a partir das formações do **Respeitar é Preciso!**. “Inspiração” foi a palavra mais citada para definir a experiência.



EXPERIÊNCIAS COMPARTILHADAS FORAM DESENVOLVIDAS POR ASSISTENTES DE DIREÇÃO A PARTIR DA PARTICIPAÇÃO NAS AÇÕES DO **RESPEITAR!**; ENVOLVERAM PRÁTICAS DE ASSEMBLEIAS ESCOLARES, ACOLHIMENTO DAS FAMÍLIAS, PARTICIPAÇÃO DAS EQUIPES DE APOIO E PLANOS DE AÇÃO DAS CMCS

RELATOS APONTARAM **MAIOR ENGAJAMENTO DE ESTUDANTES**, FORTALECIMENTO DE VÍNCULOS E IMPACTOS POSITIVOS NO AMBIENTE ESCOLAR A PARTIR DAS AÇÕES DE EDH DESENVOLVIDAS

100% DOS PARTICIPANTES DOS SEMINÁRIOS AFIRMARAM TER ADQUIRIDO **NOVAS IDEIAS** E VONTADE DE COMPARTILHÁ-LAS COM COLEGAS



PESQUISA SOBRE SAÚDE MENTAL ALCANÇOU TODA A REDE

Entre 2022 e 2025, uma pesquisa-ação sobre saúde mental no ambiente escolar alcançou as 13 Diretorias Regionais de Educação (DREs) da Rede Municipal: 7 grupos de trabalho permanente reuniram 197 gestores, articulando formação e investigação. Foram ouvidos 709 sujeitos da comunidade escolar, entre estudantes, educadores/as, gestores, funcionários/as e familiares. Ao propor um olhar pedagógico e coletivo sobre o sofrimento no ambiente escolar, a

pesquisa tem apoiado educadores e educadoras diante dos desafios do cotidiano. Como desdobramento, foi criado o novo Caderno Saúde Mental na Escola, que passa a integrar a coleção Cadernos Respeitar! e amplia esse debate nas escolas. Saiba mais a seguir, nesta revista!

CONSELHOS REALMENTE PARTICIPATIVOS

Tornar os Conselhos de Escola espaços realmente participativos ainda é um desafio cotidiano em muitas Unidades Educacionais. Para apoiar esse processo, o projeto **Respeitar é Preciso!** realizou um conjunto de ações formativas online. As ações aconteceram em encontros do Conselho de Representantes de Conselhos de Escola (CRECE). Uma live abriu o ciclo com o tema “Democracia na escola e a ideia de participação”, reunindo reflexões e exemplos práticos sobre como fortalecer a participação efetiva no cotidiano escolar.



* DICA Para assistir à formação, disponível no YouTube, basta acessar pelo QRCode

JÁ PENSOU NISSO?

NÃO EXISTEM RECEITAS ÚNICAS PARA UMA PARTICIPAÇÃO DEMOCRÁTICA: AS SUGESTÕES A SEGUIR, CITADAS NOS ENCONTROS FORMATIVOS, SÃO CONVITES À REFLEXÃO. PODEM INSPIRAR CADA ESCOLA A CRIAR SEUS PRÓPRIOS CAMINHOS DE DIÁLOGO E PARTICIPAÇÃO.

- ✦ **Começar pelo acolhimento:** Promover encontros de apresentação do Conselho no início do ano letivo, considerando horários, rotinas e possibilidades de participação das famílias
- ✦ **Manter a comunidade informada:** Utilizar murais, mensagens e convites claros e acessíveis, explicando pautas, decisões e o papel do Conselho
- ✦ **Cuidar dos espaços de escuta:** Organizar reuniões que favoreçam o diálogo, com construção coletiva da pauta, divisão do uso da palavra e momentos de avaliação
- ✦ **Falar para todo mundo entender:** Evitar jargões e siglas sem explicação, garantindo que todas as pessoas compreendam os debates e se sintam à vontade para participar

DO ARQUIPÉLAGO À COMUNIDADE: TECENDO RESPOSTAS COLETIVAS AO SOFRIMENTO NO AMBIENTE ESCOLAR

Este Especial é fruto de um processo coletivo de troca, escuta, reflexão e ação que mobilizou a Rede Municipal de Ensino de São Paulo entre 2022 e 2025. Trata-se do registro das hipóteses e achados de uma pesquisa-ação desenvolvida pelo Instituto Vladimir Herzog, em parceria com a Secretaria Municipal de Educação, que envolveu todas as 13 Diretorias Regionais de Educação e baseou o novo Caderno Saúde Mental na Escola, com propostas para um olhar coletivo sobre a questão do sofrimento no ambiente escolar.

Mais do que um estudo externo, foi um processo que articulou investigação e formação. Partimos da premissa de que quem vive a escola é quem melhor pode transformá-la. Por isso, ouvimos ativamente e envolvemos na reflexão 712 pessoas – gestores, professores, funcionários, estudantes e familiares – em busca de respostas para uma pergunta central: se a escola não é um serviço de saúde, o que lhe cabe fazer diante do sofrimento e da saúde emocional?

Os achados confirmaram que o sofrimento no ambiente escolar pode ser também uma produção social, alimentado por racismo, machismo, LGBTQIA+fobia, desigualdades e violências naturalizadas. Identificamos os desafios: uma tendência à psicologização, a fragmentação das percepções e um círculo vicioso entre violência e conflito.

Mas esses registros são, acima de tudo, um mapa de possibilidades para recolocar o pedagógico no centro, fortalecer a convivência democrática e fortalecer a escola como um espaço de elaboração, protagonismo e criação de sentidos, garantindo a aprendizagem integral e a formação de sujeitos de direito.

Aqui, você encontrará as vozes, as análises e as chaves que podem orientar a construção de uma escola que reconhece suas limitações, mas que se afirma, com coragem, em sua potência mais radical: a de ser um tempo e um espaço onde o conhecimento, o diálogo e o respeito mútuo nos ajudam a elaborar, juntos, os desafios de conviver, de compreender a nós mesmos, aos outros e o mundo ao redor.



EXPANSÃO DA PESQUISA-AÇÃO

A edição anterior da revista **Respeitar é Preciso!** trouxe um diagnóstico crucial da primeira etapa da pesquisa-ação, realizada entre 2022 e 2023: a escola vista como um arquipélago, onde professores, funcionários e gestores viviam seus sofrimentos de forma isolada, com pouco espaço para escuta mútua.

Entre 2024 e 2025, a pesquisa-ação “Acolhimento e Saúde Emocional na Perspectiva da Educação em Direitos Humanos” saiu do território piloto de Guaianases e se expandiu para todas as 13 Diretorias Regionais de Educação da

cidade de São Paulo. O que era uma escuta local transformou-se em um movimento maior de reflexão, envolvendo 59 escolas e quase mil pessoas, das quais 712 em escutas e 197 gestores em Grupos de Trabalho Permanentes (GTPs).

Nesta edição, você encontrará caminhos de resposta que estão sendo construídos. Como superar a tendência à psicologização? Como transformar conflitos em objetos de aprendizagem? Como fortalecer a escola como espaço de elaboração coletiva e não apenas de acolhimento pontual? O caminho é coletivo e já começou.

A pesquisa-ação confirmou que o sofrimento na escola não pode ser entendido apenas como um problema individual – nem de estudantes, nem de educadores/as, nem de famílias. Ele é resultado de um conjunto de fatores sociais, institucionais e relacionais que atravessam a vida cotidiana e também a vida escolar.

13 DIRETORIAS REGIONAIS DE EDUCAÇÃO (DRES)

59 ESCOLAS PARTICIPANTES

712 PESSOAS ESCUTADAS
(309 estudantes, 273 professores, 98 funcionários, 32 familiares)

197 GESTORES/AS EM 7 GRUPOS DE TRABALHO PERMANENTES (GTPS)

58 REUNIÕES DE GTPS | 25 ENCONTROS FORMATIVOS AMPLIADOS

ABRANGÊNCIA DA PESQUISA



100% DAS DIRETORIAS REGIONAIS DE EDUCAÇÃO:

Guaianases (fase piloto), Butantã, Campo Limpo, Capela do Socorro, Freguesia-Brasilândia, Ipiranga, Itaquera, Jaçanã-Tremembé, Penha, Pirituba-Jaraguá, Santo Amaro, São Mateus e São Miguel Paulista

COMO FUNCIONA A PESQUISA-AÇÃO

Escuta ampliada

Grupos focais e entrevistas com 712 atores escolares (estudantes, professores, funcionários, familiares) para compreensão de experiências reais do cotidiano.

Grupos de Trabalho Permanentes (GTPs)

7 GTPs organizados por polos regionais, nos quais 197 gestores analisam coletivamente os dados das escutas, confrontam-nos com suas realidades e identificam padrões, raízes comuns do sofrimento e possibilidades de intervenção pedagógica. Cada grupo é um espaço de reflexão e ação coletiva com gestores escolares e técnicos das DREs.

O QUE A PESQUISA NOS REVELA: ALGUNS ACHADOS

Para além do laudo: Recolocar o pedagógico no centro

Nas escutas, um vocabulário novo se fez presente: “ataque de pânico”, “depressão”, “crise de ansiedade”. Esse fenômeno revela que o sofrimento psíquico é palpável no ambiente escolar, mas também uma tendência crescente a enquadrá-lo em categorias clínicas individuais.

A pesquisa-ação identifica um risco nesse movimento: a possibilidade de uma “psicologização” ou “medicalização” excessiva do cotidiano escolar camuflar **situações que precisam de intervenções pedagógicas**. Por exemplo, quando um caso de conflito racial, de humilhação por gênero ou de pressão por resultados é lido primariamente como “transtorno” de um estudante, perde-se a capacidade de enxergar — e enfrentar — suas causas sociais e institucionais.

Essa dinâmica pode, sem intenção, esvaziar a potência pedagógica da escola. A função educativa pode ser deslocada, e a instituição passar a se ver apenas como uma ponte para serviços de saúde, muitas vezes sentindo-se impotente enquanto aguarda um encaminhamento externo.

A HIPÓTESE DA PESQUISA: É preciso retomar o trabalho pedagógico como um dos eixos da resposta e, assim, valorizar a atuação possível e necessária da educação. O acesso ao conhecimento e a compreensão de seu lugar no mundo são ferramentas poderosas para a elaboração de conflitos e a construção de sentido.

Bullying: Um guarda-chuva para muitas discriminações

“Bullying” foi a palavra mais usada pelos estudantes para mencionar o sofrimento na escola. Ao escutá-los atentamente, a pesquisa notou que esse termo abriga sob si um conjunto de discriminações. Não são relatos sobre perseguições genéricas, mas ataques dirigidos a marcadores de identidade (também chamados de marcadores sociais da diferença), como racismo, LGBTQIA+fobia, machismo e sexismo, gordofobia, capacitismo e classismo. Na escola, se reproduzem opressões estruturais da sociedade.

O perigo do guarda-chuva do bullying é que combatê-lo de forma genérica é ineficaz, pois não atinge a raiz do problema. É preciso um deslocamento fundamental: da gestão disciplinar de condutas individuais para **um projeto educativo de enfrentamento às discriminações**.

A RECOMENDAÇÃO DA PESQUISA: A escola precisa criar condições para uma reflexão crítica permanente sobre esses eixos de discriminação. Isso implica estudo e revisão de práticas cotidianas, além de uma compreensão coletiva sobre os conflitos por parte dos adultos da escola.

Adultos do ambiente escolar: Romper com a solidão

Se o sofrimento dos estudantes ganha novas palavras, o dos adultos da escola parece, em grande parte, silencioso e naturalizado.

Para professores e professoras, o cotidiano é marcado por uma solidão pedagógica e pela percepção de abismos, apesar do grande compromisso com seu trabalho: o abismo entre o “aluno ideal” e o “aluno real”, atravessado por vulnerabilidades e dificuldades; o abismo entre o planejamento e o imprevisto permanente; o abismo entre a vontade de escutar e a dor de ouvir: “Ouvir dói. Chega uma hora que você não aguenta mais”.

Muitos relatam um gradual “embrutecimento” emocional como autoproteção. “A gente vai ficando frio, embrutecendo, e isso não me faz bem”, confessou uma docente.

Para gestores e gestoras, há uma sensação de impotência por ser a “linha de frente” que medeia crises sociais, conflitos com famílias e pressões institucionais. “Tudo na escola se tornou urgente”, resume a lógica do “apagar incêndios”, que esgota e atrapalha a elaboração coletiva.

Já os funcionários das equipes de apoio (limpeza, secretaria, alimentação) sentem-se, frequentemente, na invisibilidade. Seu trabalho é essencial, muitas vezes são **pontos de apoio e amparo** para estudantes, mas seu saber e seu sofrimento raramente são integrados aos espaços de reflexão pedagógica. “Não dá tempo de adoecer”, dizem, naturalizando o desgaste. São, no entanto, peças-chave na mediação de conflitos e nos vínculos afetivos com os estudantes.

A RECOMENDAÇÃO DA PESQUISA: Se a escola parece operar como um arquipélago, a saída não está em mais resiliência individual, mas no **fortalecimento da comunidade profissional e educativa**. Seria importante haver espaços de análise coletiva entre pares; integrar todos os adultos da escola (incluindo as equipes de apoio) nos processos de decisão e de reflexão pedagógica; fortalecer o Projeto Político-Pedagógico (PPP) como ferramenta viva de corresponsabilização, definindo coletivamente prioridades e limites da ação escolar, em diálogo com as redes de proteção.



CHAVES PARA TRANSFORMAÇÃO: HIPÓTESES E RECOMENDAÇÕES

Muito além de diagnosticar desafios, a pesquisa-ação criou hipóteses explicativas sobre as causas dos ciclos de sofrimento e recomendações concretas para a ação escolar, a partir de potenciais que já são encontrados nas Unidades Educacionais, enquanto espaços educativos construídos cotidianamente a muitas mãos.

Não são fórmulas prontas, mas chaves de interpretação e intervenção que podem orientar escolas e redes na construção de uma cultura de acolhimento baseada na educação em direitos humanos (EDH), valorizando suas potências. Confira a seguir:

SUPERAR O REGIME DA URGÊNCIA

Se, por vezes, as Unidades Educacionais podem acabar operando em um estado permanente de “apagar incêndios”, sem tempo institucional para a elaboração coletiva dos conflitos, isso cria respostas fragmentadas e exaustão diante dos desafios da convivência. Assim, a tendência é que situações emergenciais aconteçam cada vez mais. Para mudar a lógica, é essencial garantir tempos protegidos e espaços institucionais, como reuniões pedagógicas participativas, para que a comunidade escolar possa analisar, refletir e planejar respostas conjuntas às situações recorrentes, transformando-as em objetos de aprendizagem coletiva.

RECOLOCAR O PEDAGÓGICO NO CENTRO

A tendência a tratar o sofrimento como questão apenas emocional ou comportamental pode esvaziar a potência educativa da escola. É por meio do ensino, da mediação simbólica, da construção de referências comuns e da ampliação do repertório crítico que a escola pode criar condições para que sujeitos compreendam suas experiências, elaborem conflitos

e se reconheçam como parte de uma coletividade. Essas dimensões não produzem, por si só, saúde mental, mas favorecem processos de elaboração, pertencimento e reconhecimento, especialmente quando articuladas a outras políticas públicas e estratégias de promoção de direitos.

ARTICULAR AÇÕES, FORTALECER O PPP

Revitalizar o Projeto Político-Pedagógico (PPP) como instrumento vivo de corresponsabilidade pode colaborar para a superação de certa sensação de impotência e fragmentação das respostas para o sofrimento escolar. Ele define contornos para o papel da escola, seus limites e seus pontos de articulação com a rede de proteção.

DESAZER LEITURAS INDIVIDUALIZANTES

Conflitos e sofrimentos são frequentemente atribuídos a características individuais de estudantes, famílias ou profissionais, invisibilizando os determinantes sociais (racismo, machismo, desigualdade) que os produzem. Diante dessa hipótese, recomenda-se que haja espaço para estudar coletivamente como opressões estruturais atuam no cotidiano, deslocando o olhar do “indivíduo-problema” para a análise das relações e condições institucionais.

INTEGRAR TODOS OS SUJEITOS

A invisibilidade de saberes e sofrimentos, especialmente das equipes de apoio, empobrece a capacidade institucional da escola de cuidar e mediar conflitos. Então, a sugestão é promover a integração efetiva de todos os adultos nos espaços de reflexão, formação e decisão.

FIQUE DE OLHO

Estes são alguns dos achados e recomendações da pesquisa-ação construída coletivamente na Rede Municipal de São Paulo, com participação de diferentes sujeitos das unidades e da gestão das 13 Diretorias Regionais de Educação. Espera-se que a pesquisa possa contribuir para um olhar renovado a respeito do sofrimento no ambiente escolar, fortalecendo a centralidade das ações pedagógicas e respostas da escola. A pesquisa baseou ainda um material de apoio para educadores/as, o Caderno **Respeitar é Preciso!** – Saúde mental.

SAIBA MAIS NAS PRÓXIMAS PÁGINAS



CADERNO SOBRE SAÚDE MENTAL NA ESCOLA PASSA A INTEGRAR COLEÇÃO DO RESPEITAR!

A coleção **Cadernos Respeitar!**, material pedagógico de referência do projeto **Respeitar é Preciso!**, ganha um novo volume com olhar ainda mais atualizado para os desafios do cotidiano escolar. O **Caderno Saúde Mental na Escola** passa a integrar a coleção em sua **5ª edição, revista e ampliada**, apoiando educadoras e educadores na promoção de uma convivência democrática.

Uma coleção que se atualiza com o cotidiano escolar

Produzidos a partir de pesquisa e diálogo com diferentes atores das comunidades escolares desde 2014, os **Cadernos Respeitar!** já passaram por três processos de atualização e ampliação com a escuta de profissionais da Rede e ganharam versão nacional em 2019.

Por que um caderno sobre saúde mental?

O lançamento do **Caderno Saúde Mental na Escola** responde a uma demanda crescente das Unidades Educacionais diante do aumento da percepção de manifestações de sofrimento no ambiente escolar. É fruto de um processo de **pesquisa-ação** desenvolvido entre 2022 e 2025, envolvendo a escuta de diversos atores da comunidade escolar.

Desenvolvidos pelo **Instituto Vladimir Herzog**, em parceria com a Rede Municipal de São Paulo, os **Cadernos Respeitar!** convidam a **ampliar o olhar sobre o convívio escolar**, oferecendo reflexões, referências conceituais e sugestões de atividades. Avaliados positivamente por **100% dos participantes do projeto**, os materiais se consolidaram como importantes aliados da prática pedagógica sem engessá-la, respeitando os contextos e a autonomia das escolas.

Ao completar mais de dez anos, o material foi aperfeiçoado para responder **aos novos desafios sociais**. A nova edição traz atualizações que dialogam com questões contemporâneas urgentes, como as consequências da pandemia de covid-19, o crescimento do discurso de ódio e da intolerância nas redes sociais, a chegada de migrantes e refugiados, além de temas como mudanças climáticas e inteligência artificial.

Diferentemente de abordagens centradas apenas na medicalização ou em respostas emergenciais, o caderno propõe um **olhar pedagógico, coletivo e contextualizado** sobre a saúde mental no ambiente escolar.

O QUE VOCÊ ENCONTRA NO NOVO CADERNO

- ✦ **O Caderno Saúde Mental na Escola** apresenta reflexões sobre o papel da escola na promoção do cuidado, discute limites e possibilidades da atuação pedagógica diante do sofrimento e oferece **subsídios práticos para o cotidiano escolar**. Assim, propõe caminhos pedagógicos para enfrentar desafios contemporâneos sem perder de vista a centralidade da educação, da convivência e dos direitos humanos.
- ✦ **1. CONCEITOS E HISTÓRIA:** O material explora os múltiplos sentidos da saúde mental, resgatando a história da luta antimanicomial.

- ✦ **2. EDUCAÇÃO E DEMOCRACIA:** Discute o papel da escola dentro da rede de proteção integral de crianças e adolescentes como sujeitos de direito. Apresenta diretrizes para a atuação em rede com o Sistema de Garantia de Direitos (SUS, SUAS, SGDCA).
- ✦ **3. CUIDADO E CONVIVÊNCIA:** Analisa o que faz sofrer na escola, com foco nos marcadores sociais da diferença (raça, gênero, classe). Oferece guias práticos para que as equipes escolares avaliem suas decisões e fortaleçam o ensino como o eixo central do cuidado.



CONHEÇA A COLEÇÃO CADERNOS RESPEITAR!

A coleção **Cadernos Respeitar!** apoia educadoras e educadores na prática pedagógica sem engessá-la, respeitando os contextos e a autonomia das escolas.

A 5ª edição, revista e ampliada, conta com 8 volumes:

Respeito na Escola ✦ EDH para Todas as Idades ✦ Democracia na Escola ✦ Sujeitos de Direito ✦ Respeito e Humilhação ✦ Diversidade e Discriminação ✦ Mediação de Conflitos ✦ **Saúde Mental na Escola** (novo volume)



✦ Acesse a coleção completa pelo QR Code

MEDIAÇÃO DE CONFLITOS: MAIS DO QUE APAGAR INCÊNDIOS, FORTALECER A APRENDIZAGEM DA CONVIVÊNCIA

Conflitos fazem parte da vida coletiva. Na escola, eles aparecem nas relações entre estudantes, no trabalho docente, nos desencontros entre famílias e equipes escolares. O que muda é como esses conflitos são encarados. Quando tratados apenas como problemas a serem contidos, tendem a se repetir. Mas, quando são observados em suas causas mais profundas, tornam-se oportunidades de aprendizagem da convivência, da justiça e do respeito.

Por isso, a mediação de conflitos vem sendo fortalecida na Rede Municipal de Educação de São Paulo como uma **estratégia pedagógica de promoção da convivência democrática que favorece a aprendizagem**, articulada à educação em direitos humanos, promovida pelas ações formativas do projeto **Respeitar é Preciso!** há mais de uma década. Essa mudança de percepção aparece em pesquisas realizadas com docentes, gestores, equipes de apoio, estudantes e suas famílias.

O papel das Comissões de Mediação de Conflitos

As Comissões de Mediação de Conflitos (CMCs) já fazem parte de todas as Unidades Educacionais da Rede Municipal de São Paulo desde 2016 e, em 2026, passam a ser constituídas também em cada unidade da rede indireta.

Formadas por professores, gestores, equipes de apoio, estudantes e seus familiares, elas funcionam como espaços coletivos de diálogo, responsáveis por organizar, acompanhar e fortalecer práticas de mediação no cotidiano escolar.

Formação que chegou a toda a Rede

Nos últimos anos, o Instituto Vladimir Herzog, em parceria com a Secretaria Municipal de Educação, desenvolveu uma formação em educação em direitos humanos voltada a integrantes das CMCs, como parte do projeto **Respeitar é Preciso!**

Em 2024 e 2025, a ação voltou-se para Assistentes de Direção das unidades educacionais, que passaram a ser membros natos das comissões em cada unidade. Assim, todos/as os/as 1.534 ADs da rede direta puderam participar dos ciclos formativos do **Respeitar é Preciso!**

Os efeitos são significativos: 89% de gestores que responderam a uma pesquisa de impacto afirmam **atuar de forma mais objetiva** nas CMCs após a formação, e 99,6% entre quem respondeu à pesquisa dizem ter hoje **mais subsídios** para exercer esse papel.

No levantamento realizado com participantes de formações do projeto, educadores/as compartilham aprendizados e mudanças a partir da educação em direitos humanos. Mais de 80% afirmam que ela **ajuda a reduzir as situações de violência** na escola, e 74% concordam que a EDH melhora o desenvolvimento e a aprendizagem dos estudantes.

“Mudou a maneira de nos colocarmos como ouvintes e de dialogar no espaço da escola, para enfrentarmos com objetivos os nossos desafios”, *contou um educador*

“As nossas atuações mediando os conflitos são mais objetivas, ou seja, atuamos de acordo com os conhecimentos passados pelo ‘Respeitar!’ e temos resultados muito positivos”, *contou um integrante da CMC*

“A partir do compartilhamento dos planos de ação no encontro, pudemos nos inspirar para utilizar estratégias que deram certo em outra unidade”, *contou uma Assistente de Direção*

Conflitos como expressões de desigualdades

Na perspectiva da educação em direitos humanos, os conflitos não são vistos como desvios individuais, mas como expressões de desigualdades, discriminações, silenciamentos e disputas que atravessam a sociedade e se manifestam na escola. Mediar conflitos, portanto, é parte de um processo educativo contínuo que envolve reconhecer direitos, lidar com as diferenças e construir relações mais justas.

“A gente começou a perceber e agir sobre lacunas na participação escolar: quem pode falar, quem pode registrar, quem também faz parte da convivência...”, *contou uma Coordenadora Pedagógica participante de pesquisa sobre as CMCs*

Reconhecimento dos potenciais da mediação de conflitos

Entre 2024 e 2025, o projeto **Respeitar é Preciso!** realizou uma pesquisa investigativa para compreender os avanços, desafios e subsidiar o aprimoramento da política das Comissões de Mediação de Conflitos na Rede.

Segundo o estudo, os conflitos são diversos, muitas vezes atrelados a **problemas de comunicação**, e também refletem **questões estruturais** da nossa sociedade, como racismo e machismo.

Mais de 50% de estudantes e 40% de educadores/as que conhecem as CMCs reconhecem as contribuições das comissões para a melhoria da aprendizagem, convivência e gestão democrática nas escolas. Dizem ainda que as comissões contribuem muito para a melhoria de situações onde as pessoas se escutam, se respeitam e aprendem mais.

Aprimoramento da política

Ao longo dos anos, a política de mediação de conflitos vem se aprimorando na Rede Municipal. A participação nas CMCs passou a contar para evolução funcional, e as formações do **Respeitar é Preciso!** passaram a integrar o horário de trabalho.

A Instrução Normativa nº 13/2024, que prevê pontuação para quem atua nas comissões, foi citada por muitos entrevistados na pesquisa sobre CMCs como um fator que estimulou novas adesões, ainda que existam desafios para ampliar o engajamento. Ao mesmo tempo, experiências bem-sucedidas mostram que, quando a CMC planeja suas ações, analisa dados e envolve a comunidade, o impacto é muito maior.

“A gente começou a colocar as reuniões como prioridade. Mesmo quando chove canivete lá fora, a gente para tudo e faz”, contou um Assistente de Direção sobre a importância de um calendário fixo para fortalecer a comissão

Os dados, as falas e as experiências mostram que as CMCs podem se tornar um motor de transformação da cultura escolar. Em um cotidiano marcado por diferenças, tensões e desigualdades, aprender a mediar conflitos é também aprender a conviver e construir uma escola mais justa, onde uma aprendizagem integral é garantida.

PARTICIPE DA CMC DA SUA UNIDADE EDUCACIONAL!

O início de cada ano letivo na Rede Municipal de Ensino de São Paulo é marcado por um importante processo de participação democrática: a constituição das Comissões de Mediação de Conflitos (CMCs) em todas as Unidades Educacionais. A formação das comissões deve ser concluída em até 30 dias a partir do início do ano letivo, por meio do Conselho de Escola, com o objetivo de apoiar uma cultura de respeito mútuo durante todo o ano escolar.

QUEM COMPÕE AS CMCs?

Estudantes

Responsáveis e familiares

Educadores/as do quadro de apoio

Professoras e professores

Equipe gestora



* Acesse mais informações, vídeos e materiais pelo QR Code

KATIA BAUTHENEY: O PAPEL PEDAGÓGICO NA ELABORAÇÃO DO SOFRIMENTO



“FAZER UM TRABALHO SOCIOEMOCIONAL NAS ESCOLAS ENVOLVE NECESSARIAMENTE UM TRABALHO PEDAGÓGICO E NÃO PSICOTERÁPICO. É TRANSMITIR INFORMAÇÕES, REFERÊNCIAS E CONTEXTOS PARA QUE O SUJEITO POSSA AMPLIAR A COMPLEXIDADE DA VISÃO DELE SOBRE SI MESMO, SOBRE O OUTRO E SOBRE O MUNDO.”

Em um contexto de crise da saúde mental que parece se refletir no ambiente escolar, muitas vezes educadoras e educadores sentem-se despreparados para lidar com diferentes manifestações de sofrimento de estudantes. Diante dessa dificuldade atual, a especialista em psicologia escolar e educacional Katia Bautheney propõe que o foco no ensino, tarefa própria da educação, também pode contribuir.

A especialista participou de uma das ações do **Respeitar é Preciso!** sobre saúde mental no ambiente escolar e concedeu esta entrevista ao Portal **Respeitar é Preciso!** para compartilhar seu ponto de vista, ancorado em estudos do psicólogo russo Lev Vygotsky (1896-1934).

Segundo ela, o próprio processo de ensino e aprendizagem oferece ferramentas importantes para que estudantes possam lidar com emoções e atribuir sentidos às experiências, daí a urgência de que o direito à aprendizagem seja garantido:

Respeitar! – Há percepção de aumento das manifestações de sofrimento na escola. Enquanto profissional da saúde, como você acredita que profissionais da educação podem contribuir dentro do seu próprio campo de atuação?

Katia Bautheney – Muitos docentes se sentem despreparados diante do sofrimento dos estudantes. O que eu costumo posicionar na formação de professores é que eles podem fazer aquilo para o qual eles foram designados: ensinar. Diante do cenário macroscópico, podemos focar no que é micro: a possibilidade de munir essas crianças de ferramentas para que elas possam lidar com esses elementos emocionais pela via intelectual. Fazer uma operação conceitual é uma forma de lidar com preconceitos e é uma forma de fazer contorno, mesmo diante do sofrimento, da dor e da angústia.

Do ponto de vista teórico da psicologia de abordagem mais sócio-histórica, os elementos conceituais transmitidos nas diferentes disciplinas funcionam como ferramentas que permitem aos sujeitos dar sentido, fazer conexões e transformar de alguma maneira a realidade, dando um destino para as suas emoções. As escolas precisam sair de uma posição que é extremamente psicologizante, por vezes patologizante, e reafirmar a importância da intencionalidade pedagógica.

Fazer um trabalho socioemocional nas escolas envolve necessariamente um trabalho pedagógico e não psicoterápico. É transmitir informações, referências e contextos para que o sujeito possa ampliar a complexidade da visão dele sobre si mesmo, sobre o outro e sobre o mundo sem se deslocar da posição de educação.

“ACHO QUE, COM PESSOAS QUE ESTÃO VIVENDO SITUAÇÕES DE DIFICULDADE DE APRENDIZADO, O QUE NOS CABE, COMO ESPECIALISTAS DA ÁREA DE EDUCAÇÃO, É DESENVOLVER ESTRATÉGIAS DIFERENCIADAS DE ENSINO.”



Respeitar! – Uma angústia comum compartilhada por profissionais da educação é acompanhar o sofrimento de estudantes com dificuldades de aprendizagem. Acha que esses profissionais podem fazer algo em relação a isso?

Katia Bautheney – Uma ideia que tenho formulado ao longo do tempo é que é raro um ser humano não se transformar ao ter contato com o ensino. Acho que, com pessoas que estão vivendo situações de dificuldade de aprendizado, o que nos cabe, como especialistas da área de educação, é desenvolver estratégias diferenciadas de ensino.

Muitas crianças que são encaminhadas para recuperação pedagógica fazem exatamente os mesmos exercícios com que elas têm contato no período regular, só que em maior quantidade. Talvez aquela criança precise de um trabalho diferenciado em relação à compreensão do processo em si. Talvez ela precise ser ensinada com uma outra técnica ou outro recurso. Eu sei que isso é muito trabalhoso, o que pode trazer angústia para os professores. Mas a ideia é tentar estratégias diversificadas de ensino. Acho que em muitas ocasiões ficamos paralisados diante da dificuldade dos alunos, especialmente aqueles que saem do modelo do que é considerado um bom aluno.

Respeitar! – Muitas vezes, educadores/as percebem um/a aluno/a específico/a na turma como causador/a de conflitos ou com uma dificuldade maior na aprendizagem e não sabem como lidar com o que se acaba convencionalizado “aluno/a problema”. Como acha que é possível agir diante desse tipo de situação?

Katia Bautheney – Esse conceito de “aluno problema” é muito antigo. Ele data do século 19 e surge junto com um certo discurso que faz um tipo de padronização e escalonamento do que é considerado normal e do que não é, em termos de resultados esperados no desenvolvimento.

Ao longo dos séculos 19 e 20, o sujeito “anormal”, que está fora do que foi padronizado enquanto normal, começou a ser alvo de estigmas negativos. Essa questão, até os dias atuais, faz com que pensemos que aquele sujeito que está fora do convencionalizado como mais recorrente tenha alguma patologia.

O contexto de patologização do desenvolvimento escolar é, a meu ver, arbitrário, e tem uma história de desimplicação com o próprio processo pedagógico.

Pensar a lógica da educação a partir de processos de individualização é acreditar que a responsabilidade pelo aprendizado é do próprio sujeito. E, quando isso acontece, nós paramos de pensar enquanto instituição e quais podem ser as nossas respostas pedagógicas da escola.

Respeitar! – Por vezes a equipe pedagógica possui dificuldade para lidar com determinados conflitos e demonstrações de sofrimento. Como os educadores podem se organizar diante dessas situações difíceis para se apoiarem e criarem novas estratégias?

Katia Bautheney – Acho que o esgotamento acontece quando há múltiplas tentativas de achar respostas não pedagógicas, de querer dar conta de coisas que não cabem ao campo educacional.

Quando você começa a desenvolver estratégias pedagógicas diversificadas, a angústia docente tende a diminuir. Mas veja, essas estratégias pedagógicas precisam ser desenvolvidas em equipe.

Essas equipes de trabalho são grupos que envolvem os educadores da instituição, não só os professores. Elas incluem as equipes administrativas e técnicas que podem se reunir para pensar

estratégias, projetos pedagógicos que vão ser desenvolvidos para determinados alunos. É preciso pensar na prática: quais são situações práticas que a gente vivencia e quais são ações que a gente pode desenvolver juntos para lidar com elas.

“QUANDO VOCÊ COMEÇA A DESENVOLVER ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS DIVERSIFICADAS, A ANGÚSTIA DOCENTE TENDE A DIMINUIR. MAS VEJA, ELAS PRECISAM SER DESENVOLVIDAS EM EQUIPE.”

Respeitar! – Como foi a experiência de participar da ação do **Respeitar é Preciso!** sobre acolhimento e saúde emocional? O que pensa sobre os profissionais da educação estarem se debruçando sobre esse tema?

Katia Bautheney – Eu participei do projeto quando ele já estava em movimento e eu senti um enorme engajamento e compromisso por parte da equipe do Instituto Vladimir Herzog e dos educadores da rede pública de São Paulo. E o projeto tem produzido efeitos práticos e ações, ele não fica apenas num plano teórico. Acho que a educação é uma arte prática e precisa desse tipo de conexão. Eu tive essa sensação de: “Bom, o que vamos fazer com isso que estamos aprendendo?”. Essa é uma modalidade de luta que faz jus tanto às questões que alimentam o Instituto Vladimir Herzog quanto uma lógica mais revolucionária à la Paulo Freire.





OLHAR ATÉ ONDE O SONHAR ALCANÇA: SAÚDE EMOCIONAL E DIREITOS HUMANOS

Por Fê Lopes*

“Parei de beber porque preciso entender matemática!” Foi com essa correlação nada lógica, porém absolutamente certa, que um adolescente me explicou a diferença que ter a entrada na faculdade como sonho possível fez em sua vida – imprimiu “cor, graça e sentido”.¹

Sentido é arco e é também flecha apontada na direção do sonhar. E a saúde, emocional e física, dito do jeito mais bonito e exato que conheço, é sonho. É a capacidade de imaginar destinos possíveis e poder construir caminhos até lá.²

Sonhar é movimento criador de perspectivas, e ter perspectivas em um país repleto de desigualdades sociais é algo complexo de se promover. Se lutar para garantir a subsistência do hoje é algo vital, as perspectivas de futuro tornam-se limitadas. Para o horizonte se alargar diante de nossos olhos, é necessário que não estejamos ocupados em garantir a manutenção da vida: comer, morar, trabalhar, dormir aquecidos, ter nossas crenças e valores respeitados, amar e ser amado por quem desejarmos, entre outros direitos humanos que permitem que os olhos se direcionem para o sonhar, e não estejam exclusivamente voltados para o sobreviver – hoje, amanhã nem sei.

“Saúde, emocional e física, dito do jeito mais bonito e exato que conheço, é sonho. É a capacidade de imaginar destinos possíveis e poder construir caminhos até lá.”

Como garantir que tenhamos, ao mesmo tempo, os pés fincados no que precisa ser feito hoje e os olhos voltados para a construção de novos mundos?

Como dito antes, é necessário ambientes – casa, escola, espaços familiares e espaços públicos, em geral – com direitos assegurados e que assegurem esses direitos. Para que os direitos sejam assegurados em qualquer que seja o espaço, o cuidado é um dos principais nortes. Cuidado

1. ANDRADE, Carlos Drummond de. “Amor”. In. *Amar se aprende amando*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

2. *Milionário do Sonho*, Emicida e Elisa Lucinda.

enquanto “ambiente” que fornece sustentação para a ousadia de ir mais longe, mesmo diante do medo – inclusive antes mesmo de dar medo, cuidado enquanto um ambiente que apresente o “mais longe” como possibilidade. Esse cuidado se faz de diversas formas, entre elas, através da transmissão do conhecimento acumulado por gerações, do fazer brotar a curiosidade e a vontade de aprender. Ambientes de cuidado e ambientes educadores são semeadores do sonhar e, portanto, de saúde.

“Ambientes de cuidado e ambientes educadores são semeadores do sonhar, e, portanto, de saúde”

Não podemos perder de vista, entretanto, que, ao agigantar o horizonte, as possibilidades de caminho podem se alargar muito a ponto de assustar, paralisar e até fazer adoecer. Aí é que entra Santiago Kovdaloff, personagem do conto de Galeano, que, por já ter visto o mar, pode ajudar Diego a ver a imensidão azul que tingia tudo para onde o menino, pela primeira vez, olhava.³ Ainda que não esteja na Constituição – certamente deveria estar –, é um direito humano ter alguns Santiagos Kovdaloffs capazes de ajudar meninos, meninas e meninos a ver, e que segurem suas mãos quando sentirem medo de se afogar. Além disso, que estejam lá para mostrar referências de quem viu semelhante paisagem e ainda se aventurou no mar. E não basta mostrar qualquer pessoa nadadora, mas alguém com quem Diego(s) possa(m) se identificar através da imagem semelhante, e, assim, ver(em) refletido um futuro em que há lugar para si no mar das possibilidades.

O ato de se ver refletido gera identificação, componente imprescindível para a saúde emocional, porque nos traz a sensação de que esse mundo imenso diante de nós, recém-descoberto, também é nosso, também nos cabe. Pertencimento imprime cor, graça e sentido de estar inserido. E não estar sozinho é saber que o sonhar é terra povoada de gentes. Assim, quanto mais pudermos ver a maior diversidade possível de existências e lugares, maior será o sonhar⁴ enquanto terra e não apenas ato, e enquanto projeto coletivo, não apenas individual. E sendo o sonhar uma terra, poderemos povoá-la de gentes, caminhos e vidas, que, como disse o Krenak⁵, não é útil, mas precisa de laço e sentido – criado, construído, não imposto ou vendido via delivery.

3. “Diego não conhecia o mar. O pai, Santiago Kovakloff, levou-o para que descobrisse o mar. Viajaram para o Sul. Ele, o mar, estava do outro lado das dunas altas, esperando. Quando o menino e o pai enfim alcançaram aquelas alturas de areia, depois de muito caminhar, o mar estava na frente de seus olhos. E foi tanta a imensidão do mar, e tanto seu fulgor, que o menino ficou mudo de beleza. E quando finalmente conseguiu falar, tremendo, gaguejando, pediu ao pai: – Me ajuda a olhar!” GALEANO, Eduardo. O livro dos abraços. Porto Alegre: L&PM, 2005.

4. Referência inspirada no livro Sandman, de Neil Gaiman.

5. A vida não é útil, título do livro de Ailton Krenak.

Ao refletirmos sobre o sentido de não utilidade da vida, nesse caminho que não é reto e nem rápido em direção ao sonhar, é necessário que cada caminhante se implique com a passada – a do grupo e a sua própria – e com a escolha de para onde deseja ir. O objetivo pode ser passar no vestibular – não dá para aprender equações de segundo grau se todas as manhãs forem de ressaca –, pode ser criar vínculo com os alunos que não vieram exatamente como sonhado nos manuais, e chegam, quando chegam, aos pedaços, fazendo estilhaços nas aulas possíveis, tão diferentes das sonhadas. Se saúde é sonho e se educar é construção do sonhar enquanto lugar de vida, fazer essa travessia com tantos percalços é quase jornada heroica.

“Sendo o sonhar uma terra, poderemos povoá-la de gentes, caminhos e vidas, que, como disse o Krenak, não é útil, mas precisa de laço e sentido – criado, construído, não imposto ou vendido via delivery”

Para essa travessia não ser solitária, é necessário outros Santiagos Kovdaloffs educadores, que segurem nossas mãos e nos ajudem a ver que alunos não sonhados são atravessados pelas contingências de classe, raça e gênero, as quais são ceifadoras de perspectivas, produtoras de doenças do corpo e da alma. Santiagos Kovdaloffs que ajudem a ver tudo isso nessas mãos-alunas não sonhadas, mas que também alarguem o horizonte e nos ajudem a criar laços e ver nesses alunos não sonhados faíscas potentes. É preciso que as nossas mãos, que tentam sustentar mãos não sonhadas e pouco sonhadoras, sejam sustentadas por outras mãos educadoras que tentam nos dar amparo e mais ferramentas. Assim, são necessárias outras muitas mãos – e, sobretudo, vozes – que cobrem das mãos “canetadoras”, “assinadoras” dos decretos que garantem direitos que sustentam a vida, que tudo que se escreve seja posto em ato, em movimento para dar movimento à vida, não hoje, mas ontem! E assim o sonhar pode se sedimentar enquanto território, construído no desejo de ensinar, de fazer brotar desejo de aprender, e de assim produzir sonhar/saúde em forma de futuros e presentes – repletos de cor, graça e sentido para todos.



* Fernanda Lopes Sanchez Derballe, Fê Lopes, é psicóloga e psicanalista.

FICHA TÉCNICA



PREFEITURA DA CIDADE DE SÃO PAULO

Ricardo Nunes
Prefeito

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO

Fernando Padula
Secretário Municipal de Educação

Maria Sílvia Bacila
Secretária Executiva Pedagógica de Educação

Samuel Ralize de Godoy
Secretário Adjunto de Educação

Ronaldo Tenório
Chefe de Gabinete

Sueli Mondini
Chefe da Assessoria de Articulação das Diretorias Regionais de Educação – DRE

COORDENADORIA DOS CENTROS EDUCACIONAIS UNIFICADOS – COCEU

Aparecido Suter da Silva Júnior
Coordenador

DIVISÃO DE GESTÃO DEMOCRÁTICA E PROGRAMAS INTERSECRETARIAIS – DIGP

Rogério Gonçalves da Silva
Diretor

EQUIPE DIGP

Carlos Alberto Mendes de Lima
Clayton dos Santos Scarcella
Cleia Teixeira da Silva
Daniela Agostinho
Érika de Araújo Prudente
Gláucia Cristine Silva Burckler
Joana Gomes da Costa
Larissa Farina Barragan
Maurício Lui
Rômulo Araújo Fernandes
Taize Grotto de Oliveira



INSTITUTO VLADIMIR HERZOG

Ivo Herzog
Presidente do Conselho
Rogério Sottili
Diretor Executivo
Clarice Herzog
Presidente Honorária

Colaboradores IVH
Aline Miklos
Beatriz Monteiro
Crislei Custódio
Dyego Pegorario
Geovana Cunha



Giuliano Galli
Hamilton Harley
Isabella Martins
Karoline Guimarães
Lorrane Rodrigues
Luisa Souza
Luiza Souto
Maria Cristina Berger
Mayara de Lara
Mateus Borges
Natália Pesciotta
Neide Nogueira
Pedro Oliveira
Renata Aquino
Sâmia Gabriela Teixeira
Shayenne Ferreira
Sidneia Neris de Souza
Tatiana Rocha
Thales Ray
Thayná Andrade
Valquíria Ferreira
Vanessa Pechiaia



EQUIPE RESPEITAR É PRECISO!

Ane Rocha
Carolina Vieira
Debora Medeiros de Andrade
Letícia Teruel
Luara Carvalho
Raquel Quintino

REVISTA RESPEITAR!

Coordenação Educação em Direitos Humanos:
Hamilton Harley

Organização e edição:
Natália Pesciotta

Texto original:
Ane Rocha, Crislei Custódio
e Natália Pesciotta

Supervisão educacional:
Ane Rocha, Crislei Custódio
e Neide Nogueira

Revisão:
Eduardo Perácio

Projeto gráfico e diagramação:
Bruna Souza

Ilustrações:
Lucia Brandão

Fotos:
Alice Vergueiro, Caroline Moraes,
Menato e Thayane Barbosa

Pesquisas de Monitoramento
e Avaliação:
Luiza Souto

Colaboração:
Geovana Cunha, Karen Ramos
e Shayenne Ferreira

respeitarepreciso.org.br







respeitarepreciso.org.br